

TRANSCRIÇÃO DE “SURVIVORS OF SHOÁ” (1’55”)

VERSÃO EDITADA

Julho, 9, 1997

Sobrevivente: Szyja Kramer

Entrevistador: Aleksander Laks.

Cidade: Rio de Janeiro

Idioma: Português

Meu nome é Aleksander Laks (soletra). Hoje é dia 9 de julho de 1997. Entrevistado: senhor Kramer Szyja. Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Como é o seu nome?

Szyja Kramer. Szyja. (ele soletra). Chamado Shirli Kramer.

Tem algum nome em hebraico?

lehosua. I tai vuf shin ain (ele soletra em hebraico). Em português, Josué.

Data de nascimento?

10 de outubro de 1925. Fiz 71 anos.

O senhor nasceu em que cidade?

Ostrovic (Ostrowiec), na Polônia.

A cidade tinha uma fábrica que tinha muitos operários. Nós fomos trabalhar lá depois, durante a guerra. Antes da guerra, a cidade tinha 11 mil judeus. No tempo da guerra tinha 16 mil porque vieram de outra cidade.

A relação entre judeus e não-judeus não era muito boa porque o anti-semitismo era grande.

Sentia isso no colégio. Sábado, por exemplo, nós não íamos para a escola. Quando precisava saber o dever de sábado para segunda-feira, eu tinha que ir na casa de um colega, não-judeu, para saber o que foi dado. E eles debochavam, ofereciam carne de porco, sabendo que a gente não podia comer. Mas não era só isso tinha outras coisas...

Por exemplo, nas competições esportivas. Teve um jogo de futebol entre um time judeu, o Macabi, contra um time do exército, de fuzileiros. O time judeu ganhou, um a zero, e tivemos que sair correndo porque queriam bater na gente. Os judeus não reagiam. Tínhamos que sair porque começaram a jogar pedras.

Havia coisas mais graves também. Uma vez fui dar queixa para um professor porque um não-judeu mexia comigo e ele só falou: “volta para o seu lugar”.

Entre os adultos era a mesma coisa, eles não se davam bem.

Como era o nome do seu pai?

David Kramer. Nasceu também em Ostrovic, na Polônia. Ele negociava penas para se fazer edredons. Eram de penas de gansos. E no inverno a gente negociava com peles cruas, para fazer sobretudos, de raposa, lobos, coelhos. Meu avô, pai dele, negociava com isso e o negócio passou de pai para filho. E eu não tinha idade para isso.

E a sua mãe?

Minha mãe era dona de casa e se chamava Raya Sura Kramer. Fazia trabalho doméstico.

O seu pai era religioso? A casa era religiosa? Como era a família?

Meu pai era religioso. Minha casa era muito religiosa. Lembro que na sexta-feira à noite sempre vinha alguém não-judeu para apagar a luz porque nós não podíamos apagar sozinhos. Eu devia ter uns dez anos, era criança. Para acender lareira também. Sempre tinha alguém de fora para acender porque sábado não podia fazer fogo.

Nos sábados, todos os filhos tinham que estar lá em casa quando meu pai fazia Kiddush. Todo mundo tinha que sentar junto na mesa e o respeito era muito grande. Era assim em todas as festas: Pessach, Rosh Hashana, Iom Kippur... Ninguém podia faltar na mesa. Tinham outras coisas também... Íamos para a sinagoga todo sábado, quando era Rosh Chodesh, princípio do mês, porque tinha o chazan especial que abençoava o mês novo. Lembro que a minha mãe sempre ia porque gostava muito do chazan e ele cantava muito bem. O nome dele era Milnitzky. Não lembro do primeiro nome.

Meu pai não rezava na mesma sinagoga. Era um shtibl¹ que era chassid. Cada grupo tinha seu lugar para as preces, para as rezas.

A cidade de Ostrovic tinha tudo. Tinham 11 mil pessoas, habitantes, e havia organizações de ajuda que eram “bikencholem”, os que visitam os doentes, ajudavam os pobres e órfãos, que precisavam fazer enxoval quando iam casar. Era gente que só se preocupava em ajudar os outros. Lembro disso porque já tinha 12 anos.

E você ia ao shtibl com o seu pai?

la, tinha que ir. Era diferente da sinagoga. A sinagoga era para todos. E no shtibl era só para os que pertenciam daquele “rebe”... Era o shtibl de Kuzme, em polonês era Kajumesh, o nome da cidade. Tinham

¹ Shtibl, em ídish, era uma casinha, uma espécie de quarto usado para encontros voltados para a reza, diferente de uma sinagoga consagrada.

vários shtibl, mas tinham pessoas também que não freqüentavam, que não acreditavam nisso, mas era o ponto de vista deles...

E a escola? O que o senhor conta da escola?

A escola era pública. Eu estudei nessa escola e andava cerca de três ou quatro quilômetros para chegar lá. Não era longe porque em lugar pequeno as escolas eram mais afastadas do centro da cidade. Estudávamos com não-judeus. E tinha também o colégio Haguidá, assim como o Talmud Torá...

Eu freqüentava o cheder², um colégio idish. De manhã eu ia para a escola pública e depois do almoço ia para o cheder, onde ficava até de noite... A escola pública não era muito ruim, mas de vez em quando acontecia algo entre judeus e não-judeus. Não era bem a perseguição, mas era para irritar.

E faziam isso por quê?

Isso já passava de pai para filho, não era só da minha geração, já vinha de muito antes.

Meu pai era muito religioso, todo dia rezava de manhã e na hora de refeições tinha que lavar a mão, fazer aquelas preces depois de comida, agradecer a Deus... Cada tipo de comida tinha uma prece. Para a batata, tinha a benção para a terra. Para a fruta, tinha a brachá (benção) sobre árvores que davam as frutas.

O cheder em que eu estudava era muito rigoroso. Durante a semana, tínhamos que aprender e no sábado, prestar contas do que foi aprendido durante a semana. Sempre quando alguém sabia as respostas, ganhava balas. (ele ri).

E o bar-mitzva? Você fez?

Meu bar-mitzva já foi no tempo da guerra. Já não era como as festas. Era só a mikveh, o banho ritual, e ganhávamos uma camisa comprida, branca (ele ri). Neste momento já éramos responsáveis pelo que fazíamos. Porque com 13 anos você já sabia o que deve, ou não, fazer. Mas foi só isso. Meu pai comprou uma caixa de cigarros para oferecer para os adultos. Me lembro de uma caixa com 100 cigarros, isso era a festa. O rabino era **Raskale Altshtock (?)**. O shtibl não tinha rabino, eram todos chassidim.

O senhor tinha irmãos?

Tinha. Eu era o mais novo, éramos nove filhos. Uns já tinham vindo para o Brasil, já estavam morando aqui. A minha irmã mais velha viajou para o Brasil quando eu tinha um ano. Outro irmão casou e foi morar na capital, na Varsóvia. Depois, essa irmã que veio para o Brasil trouxe outra irmã e mais um irmão. E depois veio outro irmão com irmã. Quando cheguei no Brasil, tinha três irmãs e dois irmãos.

Eles saíram da Polônia porque lá não tinha futuro. Não tinham profissões. Mesmo negociando não dava... E como a vida da minha irmã estava boa no Brasil, aí vieram os outros. O último irmão que viajou foi em 1937.

Meus pais ficavam muito tristes por meus irmãos estarem no Brasil Mas eles não vieram para cá porque acharam que aqui não era lugar para religioso poder viver.

² O Cheder, em ídish, era uma escola religiosa para crianças, onde eram ensinadas as primeiras noções do Judaísmo.

Lembro quando chegavam cartas dos meus irmãos, meus pais os chamavam de “papire kinder”, “filhos de papel”, porque só podiam saber dos filhos pelas cartas que chegavam.

E tiveram ajuda dos filhos?

Meus irmãos sempre mandavam dinheiro do Brasil para a Polônia porque a situação não estava boa. Isso foi até o começo da guerra.

E a sua idade quando estourou a guerra?

Quando estourou a guerra eu tinha 14 anos. Eu fiquei alegre quando estourou a guerra porque ia ver uma guerra de verdade. Gostava de filmes de guerra. Todo domingo de manhã, na matiné, tinha filme de guerra. Mas pouco tempo depois, cinco ou seis meses, vi o que era uma guerra de verdade. De seis da noite até de manha, por exemplo, ninguém podia ficar na rua. Eles, os alemães, matavam quem saísse na rua.

Demorou muito para os alemães entrarem na cidade?

A guerra estourou no dia 1º de setembro de 1939. Era uma sexta-feira. Lembro do dia primeiro. Na quinta-feira de noite já entraram tanques, uns três tanques. Observaram para ver se ninguém atirava e no dia seguinte já vieram tanques de todos os lados, cercando a cidade, e entraram. E logo colaram nas paredes, em polonês e em alemão, avisos de que quem saísse de noite ia ser morto.

Logo depois começaram com trabalhos forçados. Meu pai, um tempo depois, teve inclusive a barba arrancada, cortada. Ele tinha barba grande, de religioso. Então resolveu se consultar com o rabino. Quando voltou para casa, guardou a barba num papel e guardou no armário. Quando ele morresse, deveríamos colocar a barba no túmulo.

E o que o senhor sentiu quando começaram a entrar?

Senti muito medo. Muito. O comércio fechou e não achávamos nada para comprar. Pegavam as pessoas para trabalho forçado, para limpar e lavar onde eles estavam alojados. E batiam muito em quem não tinha uma fisionomia agradável para eles. Batiam sem motivo nenhum. Isso era logo no começo. Não tínhamos para onde fugir porque em a Polônia toda já estava ocupada. Só Varsóvia, que era a capital, resistiu por um mês. Aí eles bombardearam a cidade, morreu muita gente, muitos prédios destruídos. E quando a capital se rendeu, aí já era... Porque enquanto a capital não se rendesse, era como se a Polônia ainda não estivesse ocupada pelos alemães.

Depois era trabalho forçado. Cada federação tinha que entregar um número de operários todo dia. Eu não trabalhava ainda porque não tinha idade: até 18 anos não pegavam.

Havia uma fábrica na cidade que fabricava vagões de trem e lá aceitavam operários. Logo no começo da guerra, quem tinha carteira assinada e estava trabalhando em um lugar não era pego para trabalhar nos trabalhos forçados.

Mais tarde, para não me acontecer nada, minha família fez minha carteira de trabalho e eu só tinha 16 anos. Eles fizeram a carteira como se eu tivesse 18 anos. Porque só aceitavam trabalhadores com mais de 18.

No começo, quando começaram as deportações, ninguém sabia o que eram. Falava-se em Treblinka, mas ninguém sabia o que era Treblinka, Oswiecim³. Diziam que estavam matando nesses lugares, mas ninguém acreditava. Como poderia haver crematórios e câmaras de gás? Não entrava na nossa cabeça que se matava assim desse jeito. Mas em 1942, no mesmo ano em que fui aceito para a fábrica, cercaram a cidade, em um sábado. Trabalhava de noite até de manhã, no chamado primeiro turno. Vi na rua que estavam cochichando um com outro que alguma coisa ia acontecer. Todos na rua estavam cochichando. Mas como eu não tinha idade, ninguém falava muito perto de mim. Aí disse para o meu pai: “Pai, alguma coisa vai acontecer”. E ele respondeu: “Não vai acontecer nada, o rabino nosso já está lá no céu, não vai acontecer nada nesta cidade”.

Quando escureceu, minha mãe foi perguntar para a vizinha, que tinha um restaurante freqüentado pela Gestapo, o que deveriam fazer comigo. Essa vizinha disse: “deixa ele ir que ele está trabalhando na fábrica, deixa ele ir lá”. Aí eu saí de casa, com um pedaço de chálá (pão judaico), só para ir trabalhar de noite e voltar no dia seguinte. Quando cheguei na praça, vi muitas pessoas, todo mundo com mala, com sacos de roupa, e eu só com a roupa do corpo. A cidade estava às escuras porque desligaram a luz. Desligaram tudo e nós fomos para a fábrica.

Fim da fita 1

Fita 2

O senhor estava no mercado onde juntavam as pessoas...

Muitos já sabiam, os adultos já sabiam durante o dia, que iria acontecer alguma coisa no dia seguinte. Eu estava na praça e me levaram para a fábrica. Ela ficava a uns três ou quatro quilômetros da cidade. Quando chegamos lá, ouvimos tiros, o que durou a noite toda. Nenhum de nós sabia, mas para cada tiro, havia um morto. A cidade estava cercada pela Gestapo, que eram ajudados pelos ucranianos, que colaboraram com os alemães. A gente acabou ficando duas semanas na fábrica sem voltar para a cidade. Isso foi em 1942.

E antes disso? Conta como foi a cidade desde 1939 até 1942.

Tínhamos que entregar uma contribuição para os alemães, através do Judenrat⁴. Esse Judenrat dirigira a cidade ainda antes da guerra. Os alemães não precisavam ir direto apanhar de cada um o dinheiro porque era através dessa Judenrat que eles recebiam. A Judenrat também entregava operários para trabalhar nos

³ Oswiecim em alemão é Auschwitz. O município no sul da Polônia tem hoje cerca de 43.000 habitantes e está situado a sessenta quilômetros a sudoeste de Cracóvia. O nome alemão Auschwitz é um referente claro aos campos de extermínio de Auschwitz-Birkenau, construídos nesta localidade pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

⁴ Judenrat, palavra alemã para "Conselho Judeu", eram corpos administrativos que os alemães exigiram que os judeus formassem em cada Gueto do Governo Federal (parte central da Polônia ocupada). Estes corpos de gerência eram obrigados a assegurar o governo geral do Gueto e situavam-se como intermediários entre os nazistas e a comunidade judaica. Eles foram forçados a providenciar judeus como trabalho escravo e a ajudar na deportação de judeus para campos de extermínio durante o Holocausto. Aqueles que se recusavam a seguir ordens nazistas eram cercados e assassinados ou deportados para os campos de extermínio.

lugares ocupados, limpando, carregando. Eu já estava na fábrica, como registrado. Quando voltamos, depois dessas duas semanas longe da cidade, ainda estavam recolhendo os cadáveres. (Laks interrompe)

E antes disso, até 1942?

Antes disso não era uma vida normal porque a cidade estava ocupada por um exército estranho, um exército alemão. Eles davam ordens de entregar tantos e tantos operários... Isso foi logo no começo da guerra. Os poloneses não se comportavam muito bem. A maioria deles morava atrás da cidade e a maioria dos judeus morava dentro da cidade. Porque os não-judeus tinham casas com jardins, tinham lavoura, e moravam perto do lugar em que trabalhavam, na lavoura. Os judeus não podiam ter lavoura. Muito poucos tinham. A maioria comprava tudo pronto. E eles, os fazendeiros, entregavam esses produtos duas vezes por semana, segundas e quintas-feiras, que eram dias de feira. Eles traziam de lá para vender: trigo, todo tipo de mercadoria. E no comércio eles não se comportaram muito mal, mas depois, já passado um certo tempo, até eles precisavam entregar para o exército alemão uma quantidade determinada de comida, de frutas. Isso foi de 1940 a 1941.

Em 41, era mais ou menos a mesma coisa. Começaram a retirar quem estava fora do centro da cidade e mandaram para dentro da cidade. E os judeus tiveram seu espaço reduzido. Eles ocuparam as casas que pertenciam aos judeus. E com o tempo, fizeram um gueto, que tinha poucas ruas. Depois da deportação para Treblinka, em 1942, fizeram três ruas em volta do cemitério. Era isso que pertencia ao gueto. Quando nós voltamos da fábrica, depois dessas duas semanas, já entramos no gueto. Minha antiga casa era perto desse gueto e eu fui lá para ver. Já tinha uma família de não-judeus morando lá. A nova dona da casa até falou “pode levar o que quiser”. Mas eu não levei nada, só pensei que alguém ainda poderia estar vivo, alguém poderia ter se escondido, mas não tinha mais ninguém.

Mas você tinha falado alguma coisa de cadáveres, como é que foi isso?

Foi naquela noite em que cada tiro matou alguém. Quando nós chegamos, ajudamos ainda a carregar os mortos. Como o gueto era perto do cemitério...

Até me lembro agora, falando disso, que foi nesta época que em 1940 fizemos o enterro do sefer torá da sinagoga. Chegaram à conclusão de que devíamos enterrá-los porque os alemães queimavam e rasgavam o que era mais sagrado para nós. Eles faziam isso para nos rebaixar, as coisas mais sagradas para eles eram lixo. E para os religiosos isso era coisa muito séria. Eu estava trabalhando de noite e quando cheguei de manhã do trabalho, precisavam fazer um minian para fazer a reza. Juntamos todos os sefer torá e fizemos um enterro no cemitério. Acenderam velas pretas, cada um disse Kaddish... Depois da guerra, não encontrei ninguém que esteve naquele enterro de sefer torá.

Depois de recolher os cadáveres, o que o senhor fez?

Fui para a fábrica trabalhar. Não tinha mais ninguém da minha família, só tinha uma irmã ainda... Mas os que não tinham lugar para trabalhar, que não tinham carteira de trabalho, seriam levados para uma cidade chamada Sandomierz porque lá podiam viver normalmente, mesmo sem trabalho legalizado. E essa minha irmã foi para lá porque não tinha trabalho em Ostrovic. O que aconteceu foi que depois que juntaram todos esses que não tinham trabalho, cercaram os vagões e levaram todos para Treblinka.

Nesta época já se falava em Auschwitz, Auschwitz, Oswiecim... Naquele tempo, em polonês era Oswiecim. E ninguém acreditava. Falavam que lá era o lugar em que colocavam pessoas na câmara de gás e depois

queimavam os corpos. Mas ninguém acreditava, não entrava na nossa cabeça. Agora, depois de tantos anos, todos já se acostumaram com isso, que bateram, mataram e colocaram na câmara de gás... Mas no começo, ninguém acreditava. Como é que poderiam matar tantas pessoas por nada, só por serem judeus?

Nós ficamos no gueto, mas depois eles me cortaram da fábrica. E eu passei a ser ilegal. No começo de 1943, morávamos no gueto e eles construíram alojamentos perto da fábrica, para aqueles que trabalhavam lá. Eles iam liquidar o gueto.

Mas antes disso, você não foi para outro lugar? Ou foi direto para o gueto? Não foi para algum outro lugar?

(Kramer se lembra de um dado). Ah fui, ah sim, fui, em 1941, em Belzec⁵. Foi antes do gueto, ainda morava em casa e meus pais ainda estavam vivos. Falaram, no Judenrat, que ia ter um discurso para curiosos que quisessem escutar, mas não disseram o que era. Quando chegamos ao local, fomos cercados levados até a estação de trem. De lá, fomos levados para Lublin. Era uma rua que se chamava Lipova, número 7. Lá ficamos pouco tempo. De lá, nos mandaram para Belzec. Não era um campo... Era lugar de onde mandavam trabalhadores para lugares que precisavam de operários. Em Lublin, isso era rua Lipova 7. Mandaram para Belzec. Em Belzec, a gente cavava e construía uma estrada, andava com aquele carrinho e pá e ficamos pouco tempo lá.

Belzec não era um campo como Auschwitz. Dormíamos em alojamentos, era tudo no chão, não tinha cama ou beliche, nada disso. Belzec depois virou campo de extermínio, mas quando estive lá, era só cavar e consertar a estrada. Não sei qual era o destino desse trabalho, mas não estavam construindo campo de extermínio ainda.

Então fomos a pé até Plazuf (?), por 17 quilômetros. Lá era fronteira entre a Alemanha e a Rússia porque naquele tempo ainda não estava declarada a guerra. Fizemos trincheiras. Tinha um nazista neste lugar, chamado Dolf, que sempre vinha a cavalo. Era um alemão, nazista, com revólver. Chegava lá, batia em quem não gostava da cara e depois ia embora. Sem motivo nenhum.

Na placa do arame farpado do lugar dizia que estávamos a 70 quilômetros para Lviv, estávamos em Plazuf (?). O alojamento devia ser uma sinagoga porque cada quarto tinha uma mezuzá. Ficamos lá até novembro, de 1941. Depois soltaram um grupo e minha irmã até foi lá para ver se me tirava daquele lugar. Mas me soltaram e voltei para casa porque meus pais ainda estavam morando em Ostrovic. Soltaram de repente, mas muitos ainda ficaram lá. Não sei o que aconteceu com os que ficaram. Só sei que quando chegamos, as pessoas da cidade nos olharam como se estivéssemos vindo de outro mundo. Eu tinha 16 anos. E foi naquele ano que fizeram uma carteira de trabalho como se tivesse 18 anos e me registraram na fábrica como operário. Foi assim que eu pude, naquele sábado de noite, evitar de ser deportado para Treblinka.

⁵ O (ex) campo de Belzec está localizado na parte sudoeste do Distrito de Lublin, perto de Belzec, uma pequena vila de uma linha de trem em Lublin-Lviv. No início dos anos 40, os alemães criaram alguns campos de trabalho no distrito, trabalhadores criaram a "Linha Otto", uma série de fortificações na fronteira com a União Soviética. Esses campos judeus foram desmontados em outubro de 1940. O campo de extermínio não foi parte dele, ou convertido de outro daqueles campos de trabalho. Ele foi construído em uma conexão com Aktion Reinhard, especificadamente criado para a morte dos judeus. O lugar escolhido foi ao lado de uma estrada de ferro, com uma distância de 400m da estação de trem de Belzec, e somente 50m à leste da linha de trem principal de Lublin-Lviv. Trabalhadores poloneses de Belzec foram treinados para construir câmaras de gás e barracas, sendo "bem pagos". Eles foram substituídos pelos judeus das vilas próximas de Lubycza Krolewska e Mostly Maly. A construção começou em 1 de novembro de 1941 e completada em fevereiro de 1942.

E seus pais estiveram na deportação?

Meus pais estavam lá. Meu pai entrou no trem, mas como os vagões não davam para todo mundo, quem não coube foi levado para o estádio de futebol. Aí minha mãe não entrou no mesmo transporte. Essas pessoas como minha mãe ficaram de domingo até quarta-feira esperando o transporte. Eles ficaram a céu aberto, chovendo, com sol, sem comida, sem nada. O estádio era cercado de nazistas e ucranianos. Isso me dói mais, me doía naquele tempo mais, porque se fosse com o meu pai, ela estaria morta já no dia seguinte. Mas esses quatro dias... (ele chora, interrompe). Aí levaram... (chora, interrompe). Um segundo transporte para lá. (chora). Depois levaram no trem... Eu estava lá na fábrica, nessas duas semanas que a gente não sabia o que estava acontecendo.

A gente soube que eles ficaram até quarta-feira e foram no segundo transporte para onde foi o primeiro transporte.

E eles foram para onde?

Treblinka. Aí voltei ao trabalho diário na fábrica até 1943, quando perdi o emprego, me riscaram da fábrica e fiquei ilegal. Foi então que fizeram uma chamada em voz alta para separar os que estavam trabalhando na dos que não estavam. Quem não tinha trabalho seria mandado para Sandomierz, como tinha acontecido com a minha irmã. Como muitos trabalhavam em turnos na fábrica, se alternando, alguns chamados não estavam presentes. Lembro que chamaram o nome de alguém “Rosemberg” e eu corri. Vi que ele não estava e disse “eu estou aqui”. Como ninguém se apresentou, eu era o Rosenberg. Teve até uma pessoa que falou: “você não é o Rosenberg”, era um capataz. Cada nome que não se apresentava, eu corria. Até que uma das mulheres, da polícia, falou “deixa ele ir”. Já estavam com pena de mim. E assim entrei na fábrica e me salvei daquela vez de ser mandado para a outra cidade. E fiquei em Ostrovic.

Liquidaram o gueto em 1943 e fiquei no alojamento em Ostrovic mesmo, na fábrica. Eram barracas grandes, 400 em cada barracão, aqueles beliches de três. E lá fiquei até junho de 44, quando nos levaram para Auschwitz.

Como foi a chegada em Auschwitz? Vocês sabiam para onde iam?

Não sabíamos. Quando nós chegamos, o trem estava parado a noite toda. Ficamos no trem. Depois soubemos que naquela noite estávamos indo para um campo que tinha 2 mil ciganos. Esses ciganos foram levados para o crematório... E nós fomos alojados no campo deles.

Na chegada, primeiro nos registraram. E deram esse número no braço. Dez cinco mil (105.000). Foi em 1944, em junho. Lá cada tinha que assinar e me lembro que nos deram um triângulo vermelho... **Assinamos dizendo que éramos comunistas. Não sei, acho que eles queriam se precaver para depois da guerra, dizendo que só tinham matado comunistas, deve ser isso. Porque eu nem sabia o que era comunista naquela época...** E deram esse uniforme listrado. O número do braço tinha também na lapela (ele mostra como se fosse no bolso da camisa) e ainda tinha esse triângulo vermelho. **Assinamos muitos papéis. Não sei por que para sermos mortos precisávamos assinar tantos papéis..** Ninguém sabia que ia sobreviver, se salvar. Ficamos duas semanas nesse campo de ciganos e aí vi perto do nosso arame farpado, perto do nosso barraco, uns barraquinhos pequenos que eram o hospital. Havia pessoas lá, bem cedo de manhã, e eu perguntei: “em que se trabalha aqui?”. E disseram “Aqui ninguém trabalha, aqui a gente morre queimado”. A gente pensava que ele estava louco, que estava há muito tempo lá e enlouqueceu. “Como não se trabalha

aqui?”. “Não estão sentindo cheiro de carne queimada?”, respondeu. “Tá maluco?”, perguntei. Infelizmente, logo depois, a gente soube que era crematório mesmo. Ficamos nesse campo por duas semanas...

Fim da fita 2

Fita 3

O que o senhor sentiu quando soube que lá se queimavam pessoas?

Não se pode explicar o sentimento. Mesmo não acreditando no que o homem falou, mesmo ele dizendo “sente o cheiro de carne queimada”. Mas quando nós saímos de lá e passamos por esse lugar, o crematório, que era vedado com cobertores para a gente não ver o que tinha lá, conseguimos ver muitos cadáveres. Foi por uma fresta nos cobertores. A gente viu que ele não estava louco, que ele falou era verdade. Isso aconteceu em um corredor, saindo do campo de ciganos para Buna⁶.

Ficamos duas semanas no campo de ciganos. Inclusive naquele tempo chegaram lá judeus de Lodz. Vieram ainda com a roupa de capotes pretos, como aqueles religiosos usavam. De lá, nós fomos até Buna, que fica a seis quilômetros dali. Estava no bloco 4. Quem tomava conta desses blocos eram polacos, criminosos, que eram condenados de antes da guerra. Eles eram levados para dirigir o campo e só de vez em quando vinha um nazista para observar como estava indo. Mas quem dirigia dentro eram polacos criminosos. E tinham alemães presos, que tinham aquele triângulo verde, que significava que eram criminosos: ou tinham matado alguém ou eram presos de antes da guerra. E os nazistas aproveitavam esses bandidos para dirigir os campos porque sabiam que eram frios, sanguinários. Para eles não era nada matar uma pessoa.

E esses alemães faziam o quê?

Tomavam conta do campo, eram kapos⁷. Chegamos em Buna, era o mesmo tipo de que em Auschwitz. Fui levado para lá com o mesmo grupo que tinha vindo de Ostrovic para Auschwitz. E dávamos graças a Deus porque estávamos saindo de lá. Não é porque a gente achava que ia se salvar, mas porque não aconteceu conosco o que acontecia com os outros, que eram levados para crematórios. Sair de lá, podia ser até para pior, mas queríamos sair. Lá a gente viu a morte.

Chegamos em Buna, no mesmo mês, junho ou julho. Ficava a seis quilômetros de Auschwitz, onde tudo em volta eram campos. Tinha Auschwitz I, Auschwitz II, tudo pertencia a Auschwitz.

Quando chegamos lá, tinham vários tipos de trabalho. Eu trabalhava em construção... Não sei o que eles fizeram com essas construções. A gente carregava tijolo, areia, era ajudante de construtor. Fui depois escolhido, junto com 20 rapazes para desativar bombas que tinha sido jogadas sobre Buna. Eram bombas que não haviam explodido. Era perigoso porque podia explodir com o tempo. Era bom porque pelo menos

⁶ Buna era o campo Auschwitz III Monowitz, também chamado de Buna-Monowitz. Era um gigantesco complexo químico construído pela empresa IG-Farben. Todos os 15 mil prisioneiros do campo trabalhavam em regime de escravidão na instalação de uma fábrica de borracha sintética.

⁷ Prisioneiro de vigilância de um grupo de pessoas que vivem em campos de concentração nazistas.

eu comia porque esse grupo pertencia à aeronáutica. Cercávamos a bomba, cada grupo de cinco rapazes, colocávamos uma corda em volta e esperávamos até o oficial da aeronáutica chegar. Ele abria aquilo que explodia quando uma bomba cai. E isso era perigoso. Daí íamos para a parte de trás do campo, atrás da fábrica, cavávamos um buraco, colocávamos o fio e então subíamos em um jipe para ir para longe dali. E a bomba era então detonada. Cada bomba marcava 250 libras. Deve ser 125 quilos. Elas estavam escritas em inglês. Não sei se são bombas dos americanos ou dos ingleses.

Por que bombardearam esse lugar?

Não sei o que fabricavam lá, mas devia ser muito importante. Porque não bombardearam Auschwitz, por exemplo, e iriam salvar muito mais gente. Se bombardeassem o crematório, ia atrasar e muito mais gente ia sobreviver.

Antes de bombardear Buna, a fábrica, um avião jogava volantes avisando que em determinada data, em determinada hora, tínhamos que nos afastar da fábrica. Mas a gente não podia se afastar porque éramos levados para a fábrica.

Quando aconteceu o bombardeio, o céu estava cheio de aviões, os kapos nos levaram para nos esconder. Mas foi aí a gente viu que pelo menos alguém estava reagindo, que alguma coisa estava sendo feita. Nenhum de nós morreu nesse bombardeio, mas veio no exato momento que informavam os volantes.

Em 18 de janeiro de 1945 liquidaram Auschwitz. Fomos a pé até Gleiwitz. Os russos estavam avançando e tiraram todos do campo. Os que ficaram no hospital de Auschwitz foram libertados dois dias depois pelos russos. Nós fomos levados para o meio da Alemanha.

Chegamos em Gleiwitz e ficamos a noite toda. De manhã, nos levaram para a estação de trem. Abriram o vagão, que não tinha teto, era um vagão de carga. Foi ficando muito cheio e muita gente ficou do lado de fora. Aí um Gestapo tirou um revólver e deu um tiro para dentro do vagão. Todos se afastaram e abriu mais espaço para o resto entrar. Ficamos 170 pessoas no vagão.

Quando saímos de lá, era para ir **Bygdoszcz (?)**. Íamos para a Tchecoslováquia, numa fábrica. Mas o vagão estava tão apertado que quando alguém saiu da posição, ou seja, saiu do aperto, passou a ser carregado em cima das cabeças dos outros. Porque era o aperto que nos segurava. Aí um empurrou para lá, outro para cá, e o rapaz não estava morto ainda, mas nós jogamos fora. Os alemães nos viram jogando, mas eles não queriam que o povo da Tchecoslováquia visse esses mortos. Foi então que nos levaram para trás da cidade, pararam o trem e mandaram que todos saíssem dos vagões. E quem tinha a cara mais magra morreu fuzilado. Isso foi em todos os vagões.

Estávamos no caminho de Oranienburg, perto de Berlim. De Auschwitz, passamos rápido pela Tchecoslováquia. Não tinha nada de **Bygdoszcz (?)**. O exército alemão estava recuando, fugindo. Por isso que nos levaram, porque era uma ordem de Himmler: quando eles saíssem de qualquer campo ou tivessem que recuar, não poderiam deixar vivos. Ou matavam ou levavam com eles. Nos levaram e andamos assim por dez dias.

Quando chegamos em Oranienburg, já não estava tão apertado pelos que jogaram fora e aqueles que foram mortos. Quando chegamos em Oranienburg, em vez de colocarem um banquinho porque a porta do vagão é alta, as pessoas deram um passo, caíram no chão e ficaram deitadas, de fracas, umas em cima das outras. Fomos saindo, mas não era um lugar para colocar o pé. E ainda mais depois de dez dias de fome... Quando a gente viajava de trem, cada um tinha direito a levar um cobertor. Tirávamos a neve que caía em cima do cobertor para comê-la. Havíamos recebido apenas um pão quando saímos de Auschwitz. Com a fome, aquilo acabava em pouco tempo. Eu ainda guardei um pedaço de pão. Então a gente só vivia com a neve. Acabou a neve e eu não escutei mais a minha voz, perdi a voz... Perdi a voz porque aquilo era gelado, era gelo, neve. Mas com o tempo voltava a voz. Ninguém cortou a garganta. Era de frio, de ficar sem comer.

Quando chegamos em Oranienburg, levaram-nos para tomar um banho, sem toalha, sem sabonete, sem nada, só para nos fazer sofrer. Porque o chuveiro era muito largo e a gente ficava assim meia hora embaixo. De lá, nos mandaram para Flossenbürg. O campo em Oranienburg era grande, era **Henckelberg (?)**, fábrica de aviões, mas nós não vimos avião ou coisa alguma. Ficamos poucos dias lá. Eram kapos que dirigiam o campo. E tinha gente lá de antes, mas não tivemos contato com ninguém.

Chegamos em Flossenbürg de trem... Do trem até o campo, subimos por quase 900 metros de altura. Lá não existia trabalho nenhum. Só vivam nos contando, várias vezes por dia. De manhã, de tarde, de noite...

O campo tinha blocos, aquelas camas de beliche de três. Lá não existia trabalho nenhum. Foi lá que os kapos mataram para roubar nossas porções de pão. Eles levaram quatro ou cinco para dentro do lavatório com a mangueira e água gelada. Estava todo mundo magro de tanto tempo sem comer, acabaram caindo e morrendo. Os kapos roubaram seus pães e seus pedaços de margarina.

Em Flossenbürg nos levaram para a Quarentena. Na Quarentena, como eu parecia mais novo, era chamado para comer os restos de sopa. Eles chamavam os menores de idade. Só que eu já era maior de idade e fui delatado por um rapaz. Um kapo, que se chamava Karol, me levou na mesa, tirou a minha calça e me deu 25 chicotadas. Um puxava as pernas para baixo e outro me segurava. Depois de dez, já não sentia mais nada. Quando acabou, caí no chão como se fosse uma mola, que pula. Fiquei assim deitado e me levaram como se puxa um couro não corticado, uma pele.

Minha cama ficava no terceiro andar da beliche de três, mas me trocaram porque meus ferimentos estavam pretos, estava com muita dor... Isso foi para que assim que gritassem “acorda”, de manhã, eu pudesse sair logo. Com o tumulto e com os ferimentos, se estivesse na beliche de cima, não ia conseguir sair.

(Lembra de outro fato) Ah, lá tinha um barracão que quem estava lá era Leon Blum. Aí chamaram Leon Blum e eu nem sabia quem era, mas ele era primeiro-ministro na França judeu. Aí levaram alguns de nós para acender a lareira. Eu levava lenha para lá, ganhei um pedaço de pão e de lá nós descemos aquela montanha para baixo até o trem. Éramos cinco amigos e andamos com dois de um lado, dois do outro e um no meio, para que a Gestapo não percebesse que um de nós andava mal. Eles batiam com o fuzil em quem andasse devagar.

Chegamos lá e eram 50 em cada vagão. Trocaram as nossas roupas, devolvemos o uniforme listrado e nos deram roupa de civil. Quando o trem estava parando, chegamos em Leonburg, perto de Stuttgart.

Em Flossenbürg eles marcaram na números nas nossas testas, de um a três, para mostrar a capacidade de cada um. Foram os próprios kapos que fizeram isso. Sei que o “três” significava bom e eu era ainda daqueles que serviam para alguma coisa. Porque se não fosse, eles iam matar. Eles marcaram na testa com pilot azul marinho. E de lá, em cada lugar em que estive, só pensava “tenho que sair daqui, não sei se em outro lugar vai ser pior, mas tenho sair daqui”.

Sáimos de Flossenbürg, precisavam de mil ferreiros e eu me registrei para sair de lá. Chegamos em Leonburg, perto de Stuttgart. Lá eu fiquei com febre, muita febre.

E como era Leonburg?

Lá não era ruim, ficamos por pouco tempo, não tinha trabalho nenhum. Eles sempre ficavam nos contando. Lembro uma vez que não agüentei ficar de pé durante a contagem. Acabei sentando no chão. Ainda bem que não me levaram para o hospital. Porque eu tinha febre e tinha 39, mas o homem que anotava se lembrava de mim, ainda de Ostrovic, e ele marcava só 37. Porque o hospital não era hospital. Eles deixavam sem remédio, sem nada. Se melhorou por si mesmo, está bom. Se piorou, morria. E eu estava com disenteria. Não podia beber água... Cheguei até a beber água do lavatório, que era pior ainda, mas não sei, Deus quis que fosse salvo. Ficamos lá pouco tempo. De janeiro até o fim (da guerra) passamos por uns cinco campos.

E por quê?

Por quê? (ele ri, irônico). Nos levavam, mas não era para trabalho. De Leonburg nos levaram para Meldorf, perto de Munique. Quem dirigia era sempre a Gestapo. Lá não tinha civil para dirigir. Os nazistas e os kapos tomavam conta da gente.

Chegamos em Meldorf e o único trabalho era ir no bosque e trazer madeira para a cozinha. Quem tomava conta desse Meldorf eram romenos. Romenos nazistas, com uniforme alemão. Lá não tinha ninguém que pudesse falar com eles. Tudo era húngaro, romeno. Encontrei uma pessoa que era do Judenrat, Radom. Ele me escutou falar ídish e passou a me tratar como um filho. Ele já estava há muito tempo lá e me dava pão. Ele não era kapo, era uma pessoa boa e já estava lá há muito tempo. O nosso trabalho era ir para o bosque e pegar madeira. Depois nos levaram para Munique.

Meldorf não era trabalho, quando houve um bombardeio, eles gritaram como crianças “se esconde, se esconde nos porões!”. Mas Não bombardearam. Não era como Auschwitz, mas não posso dizer que era bom porque não existe lugar em que você esteja preso e não possa sair que seja bom.

Aí fomos a pé por seis quilômetros até a estação. De lá, fomos para Munique. Por que fomos para Munique? Porque os americanos bombardearam a estação de trem de Munique e os trilhos saíram do lugar. Nos levaram para consertar. Achei um pedaço de toucinho, a casca, e eu ficava com isso o dia inteiro porque fazia saliva e cheguei a guardar para o dia seguinte. Estou me lembrando disso agora, tanto tempo que não lembrava...

Isso já era abril. De lá, fomos de trem e falaram que iam nos levar para o Tirol, onde ia ter um crematório. Estavam comentando que iam construir um crematório no Tirol, nos Alpes, na Baviera. Falavam no meio de nós e não sei se era verdade ou não. Eram cochichos.

Aí no trem, levamos quatro dias e pelo dia 25 ou 26 de abril de 1945 vimos casas com bandeiras brancas penduradas, como se fosse uma capitulação. Uma casa tinha, a outra não tinha. No segundo ou terceiro dia, vieram soldados gritando “Friede, friede”, que significava paz e que a guerra tinha acabado. Do trem, nós corremos todos... Uma gritaria... Quem gritou paz foram os alemães que voltavam pelo caminho de uniforme e mochila. Nós, de alegria, saímos do trem. A Gestapo estava alojada no mesmo trem e tinha muitos mantimentos guardados em seu vagão. Correu até lá e tiramos a comida, era queijo salgado.

Aí vem uma ordem da Gestapo de que a guerra não tinha acabado, que eles iam abrir um “segundo front”. Assim se falava: “segundo front”. Mas como nós tínhamos corrido dos vagões, a Gestapo veio com metralhadoras e mataram mais de 300 pessoas. Os soldados alemães deram a notícia do rádio que a guerra acabou. Aí vem outra notícia que não acabou que iam abrir outro front. Enquanto isso, mataram, a Gestapo saiu matando... Mataram muitos de nós.

Fim da fita 3

Fita 4

Conta esse episódio de novo. O que aconteceu quando os alemães vieram dizendo que a guerra tinha acabado?

Os soldados alemães tinham vindo de um caminho por onde o trem estava parado. Gritavam “Friede, a guerra acabou, é paz”. Aí todos nós começamos correr, os vagões estavam abertos, estávamos alegres porque a guerra tinha acabado. Veio uma ordem da Gestapo, do Estado Maior, que a guerra não tinha acabado. Que iam abrir outro front. Aí começaram a atirar nos nossos, nos prisioneiros que correram do vagões para gritar que a guerra tinha acabado. Morreu muita gente e botaram o resto, que sobreviveu, nos vagões e nos fecharam.

Antes disso, nós tínhamos corrido para os vagões porque estávamos com fome e sabíamos que a Gestapo estava alojada em um vagão só para eles e que tinham mantimentos. Pegamos o que encontramos pela frente. E eu peguei queijo muito salgado! Quando nos colocaram de volta nos vagões, fecharam as portas. O calor e a sede eram insuportáveis... Deus nos mandou uma chuva, ainda bem. Como as paredes dos vagões eram feitas de tábuas horizontais, ficamos assim de lado porque a água corria e ficamos a pegar as gotas para beber, o tempo todo. Foi então que o trem parou e veio uma locomotiva com um Jeunes de Marie (?), que falou: “ninguém deve correr, não vai acontecer nada porque a guerra acabou”.

Isso foi do dia 30 de abril para o dia 1º de maio. Levaram-nos para Tutzing. Era um lugar onde a HitlerJung⁸ se alojava. Em Tutzing, nos trouxeram uma cisterna cheia de sopa. Era a nossa primeira sopa depois de muitos anos. Foram os alemães civis do lugar que fizeram a sopa. Depois nos levaram para Feldafing. Tutzing e Feldafing são no mesmo lugar. Quem nos levou foram essas Jeunes de Marie (?), sanitários, todos alemães. Quando chegamos em Feldafing, ficamos alojados em cada quartos de oito ou nove. Eram quartos grandes porque pertenciam a HitlerJung, nazistas. Foram mulheres, irmãs, moças de hospitais que nos levaram. E de noite a gente gritava, ninguém acreditava que estávamos livres. Depois no dia seguinte... (interrompe)

⁸ HitlerJunge pode ser traduzido como “Juventude de Hitler” e era um termo usado nos anos 20 e 30 para qualquer membro da juventude hitlerista. O termo era usado somente para jovens, enquanto os adultos da juventude hitlerista eram chamados de Hitlerjugendführer..

(Lembra de um fato) Ah, no trem, antes de sairmos de Tutzing, vimos tanques na estrada. “Tanques? Voltaram?”, pensamos. Porque a gente já não via mais alemães. E alguém gritou que não eram mais alemães. “Será que eles voltaram?”, pensamos. Mas eram tanques americanos! Quando alguém falou que eram americanos, começamos a correr. E corremos até a estrada. Tinha a linha do trem, os campos e então a estrada. Um de nós falava inglês e explicou quem nós éramos. E então começaram a jogar pacotes de Cruz Vermelha, pacotes com comida: cigarro americano, biscoitos, chocolate. Esses eram ainda piores! A maioria de nós estava muito debilitado e muita gente começou a morrer depois de comer. Tínhamos que comer coisas leves porque o estômago já estava ressecado.

Depois chegou um capelão, de uniforme americano, que nos falou em inglês: “ninguém deve correr para lugar nenhum, nós libertamos vocês”. Aí ele perguntou: “quem que estava aqui que se comportou mal com vocês?” Apontamos para um nazista que batia em todos nós de fuzil.

O oficial nos levou em um jipe, dois de nós, como testemunhas. O nazista cavava sozinho, tinha que cavar e para a gente isso era uma vingança. Mataram ele. Os tanquistas tinham ordens para ocupar mais território na Baviera. Isso era perto de Munique, em Feldafing.

E a reação entre vocês?

Não posso nem explicar como era a nossa alegria. Ficamos em Feldafing uns meses, depois fui para Munique porque não era para ficar, ser sustentado do Joint⁹.

Não estive em campo de refugiados. Era só nesse Feldafing e depois fomos para Munique. Procuramos, tinha lá uma casa que pertencia a um nazista, e nós tínhamos o direito de ficar. Esse apartamento foi em Munique. Eu e mais três amigos ficamos lá. Eram os mesmos amigos que tinham saído juntos de Ostrovic, tudo da mesma idade. Eu tenho contato com um deles até hoje, por telefone em Rosh Hashana...

Depois de Munique, a vida já era mais normal. Dei meu nome pela Cruz Vermelha porque quem tinha parentes dava o nome. Eu tinha uma irmã no Brasil, mas não sabia endereço. Quem sobrevivia dava o nome e dizia de que cidade era, e essa informação foi para mundo inteiro. Aí aqui no Brasil souberam que eu sobrevivi. E comecei a receber cartas...

E os seus pais, suas irmãs?

Já se sabia que não tinha ninguém. Já sabia que tinham morrido e não tinha mais esperança de encontrar ninguém. Fiquei ainda dois anos, um ano na Alemanha, um na França. **Em 1946, meu irmão mandou uma chamada para vir para o Brasil, mas a imigração estava fechada e não me deixariam entrar.**

Por ser judeu?

Não sei. Aquele tempo era Dutra ou Getúlio, em 46, não me lembro bem. Fiquei um ano na França, de outubro de 1946 até outubro de 1947. Estava em Paris. Ia ao colégio três vezes por semana, o École Berlitz, e o Joint, que era uma organização filantrópica, pagava hotel. Depois, como eles viram que o Brasil estava fechado, me disseram que eu teria que arrumar um lugar, teria que sair. E eu arrumei um roteiro muito bom,

⁹ Joint é a abreviação de “American Jewish Joint Distribution Committee”. Importante agência de amparo e reabilitação aos judeus, de âmbito internacional, criada em 1914 e mantida pela comunidade norte-americana.

baratinho, com um amigo. Mesmo assim, eu não vim como permanente para o Brasil porque o país estava fechado. Eu vim como turista até a Bolívia, “transitando pelo Brasil”. Eu não era cidadão, não era polonês, era apátrida. Recebi um visto para ir de turista para a Bolívia, transitando pelo Brasil. Quando eu cheguei aqui, meu irmão tinha loja, tinha bens, e ele garantiu a minha estadia e moradia aqui. Não sei como ele fez para eu ficar, mas isso já faz 50 anos.

Eu fiquei morando na casa da minha irmã. Fiquei até me casar. Eu trabalhava como clienteltik, vendendo na rua como ambulante. A diferença que eu vi aqui no Brasil foi vendo meus sobrinhos estudarem, na casa da minha irmã. Meus sobrinhos, quando fizeram provas de fim de ano, estavam sempre com colegas não-judeus. Era como se fossem irmãos. Eu até ficava com inveja porque eu, quando fui apanhar dever de sábado para domingo na Polônia na casa do colega, tinha que ouvir deboche. “Come pedaço de carne de porco”, diziam, e sabiam que era proibido, ainda mais porque meu pai era religioso. Nunca ia comer carne de porco.

Aqui foi uma diferença grande porque o Brasil nos aceitou como se fôssemos brasileiros. Era como dia e noite. Até hoje, graças a Deus, nunca senti anti-semitismo nenhum, nunca senti isso.

Gosto muito daqui do Brasil. Casei, era para ter família, para criar gerações, tenho duas filhas, três netos.

Eu não me lembrava de nenhum dos meus irmãos. Quando eu saí do navio, não acreditei... Eu sabia que tinha irmãos, mas quando você vê, é outra coisa. Cheguei aqui em 1947, morava na casa de minha irmã, tinha dois sobrinhos um pouco mais novos, moramos como três irmãos. O passado ficou como uma página negra, muitas páginas, aliás, não era uma só.

Minha esposa chegou... Tinha um ano e meio que ela estava aqui no Brasil. Namoramos, casamos, temos três netos...

Tenho duas filhas. Uma é professora e a outra trabalha na White Martins, muito bem de vida. Tenho netos, um está na faculdade.

Tem alguma coisa para adicionar?

Eu só esqueci uma coisa. De um homem que era diretor da Haguidá, escola religiosa. Isso foi em Ostrovic ainda. Quando os alemães entraram, acabaram com os colégios. Ainda mais os que eram de religião judaica. Aí esse diretor vinha de casa em casa, dando aulas, era dirigente. Dava aulas o dia inteiro. Ele vinha na minha casa no fim do dia, estava cansado de tanto trabalhar. Para não adormecer, ele pegava uma panela de água gelada, em pleno inverno, e molhava o rosto. Molhava para não dormir.

Ele dava aulas para os alunos não pararem de estudar, mesmo com todo sacrifício. Com morte, com fome, no meio da guerra, “estudar não podia parar”.

Ele sobreviveu?

Não, ele se escondeu durante a primeira deportação. Depois, na segunda, eles acharam o lugar onde ele estava escondido. Ele estava de talit, com tefilin e correu gritando “Shemá Israel”. Maurer era o nome dele. Era muito chassid, muito religioso.

Isso foi em 1942, quando havia deportação e ele estava escondido e era a segunda vez que deportavam as pessoas.

Se lembrar muita coisa, vou precisar de muitas horas aqui.

O senhor se lembra de mais alguma coisa?

Ah muita coisa, mas não dá agora para falar... (ele chora).

Chega... (ele chora)

O senhor quer deixar algum recado?

Que nunca mais se repita isso. (chora). Não dá mais para falar...

Agradecemos pelo seu depoimento, emocionante depoimento, e muito obrigado.

[Fotos, parte final do vídeo]:

FOTO 1: Pai e mãe. Retrato que as irmãs tinham antes da guerra.

FOTO 2: Szyja, a mãe e as duas irmãs que morreram na guerra.

FOTO 3: As duas irmãs que vieram morar no Brasil, ainda na Polônia, acompanhadas do irmão que foi morar em Varsóvia.

FOTO 4: Szyja e os dois amigos que estiveram com ele no vagão.

FOTO 5: Imagem de 1945, de quando a guerra acabou. Quem está na foto é uma parte dos que estiveram com ele no campo de concentração e outros que passaram a guerra escondidos. Na foto, eles estavam indo visitar o cemitério.

FOTO 6: Outra imagem dos sobreviventes já depois da guerra, com crianças que ficaram escondidas, também indo ao cemitério.

FOTO 7: Irmão que saiu da Polônia em 1937.

[Última imagem do vídeo]:

Szyja aparece com esposa, filhas, genros, netos e sobrinho e apresenta todos para a câmera.